

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO ESPAÇO AGRÁRIO DE FREDERICO WESTPHALEN (RS) VOLTADAS AO SABER DO CAMPO NA ALIMENTAÇÃO HUMANA

Antônio Carlos Moreira¹
Diogo de Mello²

RESUMO: A presente pesquisa teve como objetivo entender a cultura camponesa do espaço agrário de Frederico Westphalen (RS) ao identificar e analisar os traços presentes na arte da alimentação humana, o que resistiu aos avanços dos princípios capitalísticos. A cultura camponesa se diferencia da cultura capitalista pelo modo que o camponês percebe e sente a terra, pois trata a mesma como um lugar de onde tira o seu sustento, e também um lugar onde pode se identificar para viver. Em contato com a natureza aplica seus conhecimentos e técnicas, oriundos da observação do cosmos, numa interação racional e sentimental com os elementos que constituem a natureza, enquanto que a cultura capitalística tem como finalidade o lucro, transformando a natureza em mercadoria, e principalmente num lugar para explorar e acumular capital. Entendemos que a alimentação se constitui num dos traços mais intrínsecos presentes na cultura das comunidades camponesas, pois os saberes referentes a ela são passados de geração para geração, através das relações interpessoais, além da criatividade adquirida por meio das atividades realizadas para cuidar da terra, criar os animais e fabricação dos alimentos. Também entendemos que é um dos fatores culturais mais marcantes por ser construído e reconstruído cotidianamente. Na medida em que os camponeses se modernizaram e começaram a participar das relações de mercado, que pela lógica, também mudariam a sua forma de alimentação, de acordo com o novo modelo, se adaptando a nova ordem. A pesquisa permitiu percebermos que não houve um total acultramento, pois descobrimos que na alimentação diária, ainda há preferências por alimentos ditos “crioulos”, segundo o linguajar local. A recusa por produtos industrializados e a permanência de técnicas que nada ou pouco têm a ver com a agricultura moderna denunciam que os traços culturais, principalmente referentes à forma de se alimentar, não foram, tão facilmente, apagados da memória. Da cultura alimentar camponesa, parte desses traços sempre se fizeram presentes, já outros, que haviam sido deixados de lado por um tempo, começaram a ressurgir novamente, rejeitando toda uma pressão adotada pelos fundamentos do mercado. Em muitos casos, foram identificadas marcas culturais vivas apenas na memória, principalmente entre os agricultores de maior experiência camponesa, que ao lembrar daquele contexto histórico expressavam sentimentos de saudade e alegria, não apenas pelo modo de se alimentar, mas também pelas relações humanas fundamentadas em princípios de amizade e solidariedade. Essa caminhada enquanto pesquisador iniciante, nos possibilitou aprender muito com relação à vida dos homens que habitam o espaço agrário de Frederico Westphalen- RS no que tange a alimentação, percebemos que essas pessoas desejam uma vida saudável e auto-sustentável.

¹ Dr. Antônio Carlos Moreira é responsável pelo curso de Geografia da URI Campus de Frederico Westphalen, da qual também é professor e orientador de projeto de pesquisa de iniciação científica. E-mail: amoreira@fw.uri.br.

² Diogo de Mello é acadêmico do curso de História da URI Campus de Frederico Westphalen e bolsista de projeto de pesquisa de iniciação científica. E-mail: diogo_mello@hotmail.com.

Avaliamos que a pesquisa se mostra de fundamental importância para a aprendizagem, além de nos proporcionar reflexões referentes à realidade territorial local, contribuindo com isso, que pensemos em propostas políticas voltadas para o melhor planejamento de um desenvolvimento com sustentabilidade ecológica, econômica, social, política e cultural.

Palavras-chave: Cultura. Camponês. Alimentação.

INTRODUÇÃO

Entender como se deu o processo de modernização da agricultura na cidade de Frederico Westphalen e detectar possíveis resistências ao novo modelo é fundamental para que possamos pensar a sociedade local fora dos padrões do pensamento capitalista concorrencial, onde a produção e o lucro são os ditadores das regras a serem seguidas. Acreditamos que o modelo de vida camponês se opõe ao modelo de vida do agricultor moderno e isso se evidencia na alimentação onde o primeiro tem como prioridade produzir o próprio alimento, enquanto que o segundo tem como prioridade produzir segundo as necessidades do mercado.

Mesmo opostos um ao outro, não se pode negar que o agricultor moderno de hoje foi o camponês de ontem que se modernizou, então precisamos melhor compreender como ocorreu essa modernização, se por iniciativa própria dos agricultores camponeses que decidiram ir atrás de técnicas mais modernas que permitiriam o aumento da produção, mesmo que isto se tornasse prejudicial para o ambiente onde eles vivem, ou se ela foi algo vindo de cima para baixo através de inúmeras pressões sofridas pelos camponeses para que aceitassem o “progresso”, como algo inevitável.

Também consideramos muito importante a detecção de práticas cotidianas que caracterizam o modelo agrário camponês, pois mostram que os avanços capitalísticos na zona rural frederiquense não só não afetaram a todos como também não afetaram completamente aqueles que por ventura tenham se modernizado, mas continuam a utilizar, no dia a dia da lida do campo, técnicas rudimentares entre outras práticas próprias dos saberes populares do campo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O princípio da colonização da região do Alto Uruguai onde se localiza o município de Frederico Westphalen iniciou com inúmeras dificuldades para os colonizadores que ali se fixaram, a mata fechada e os animais selvagens que por ventura por ali apareciam colocavam-se como obstáculos para que os colonos ali se fixassem.

A Região do Alto Uruguai, onde está inserido o município de Frederico Westphalen, no período inicial de sua colonização apresentava-se formado por uma imensa floresta. Nesta, encontravam-se diversas espécies animais e vegetais em uma rica presença de recursos naturais que, por um lado, se tornaram os aliados para estes novos moradores e, por outro, dificultaram a colocação destes no espaço local (PIOVESAN, 2002, p. 5).

Podemos destacar o fato de haver nessa região muitas variedades, tanto de espécies vegetais quanto animais, além de outros recursos naturais, confirmando assim que havia no Município de Frederico Westphalen, no início de sua colonização, uma grande biodiversidade. Inclusive esta também foi mencionada por Rambo em uma viagem de estudos que realizou na região por volta do ano de 1935, percebemos nos escritos dele o quanto ficou impressionado pelas matas que ali encontrou.

A *impressão* produzida pelo conjunto da mata virgem do Alto Uruguai é profundamente solene. Os troncos retos e cobertos de epífitos, as copas altas e entrelaçadas em abóbadas, a folhagem verde-escura e densa, despertam a sensação de quem entra numa catedral da idade média, onde as aspirações mais nobres da alma humana se acham monumentalmente e perpetuadas em pedra. A luz baça coada pela folhagem, o bafo húmido do solo com milhões de folhas em decomposição, o perfume indefinível em natureza e direção exalado por uma orquídea escondida, o rumorejar de algum regato vizinho e o surdo trovão de uma cascata longínqua – todas estas impressões mal distintas e semi-conscientes engendram na alma esta doença, de que sofrem todos os caçadores, todos os agrimensores, todos os exploradores de profissão: a saudade do mato (RAMBO, 1935, p. 28).

Nesse contexto os colonizadores se viram obrigados a desmatar toda a área da qual precisavam, (porém destacamos que era apenas o que precisavam para poder criar os mecanismo necessários à sua sobrevivência, não havendo preocupação com acúmulo de capital) tanto para lavouras quanto para construção de casas e demais benfeitorias, além de estarem isolados e longe demais das cidades onde circulava o capital financeiro. Essa situação contribuiu, muito no sentido de fazer destes homens camponeses, pois precisavam produzir grande variedade de alimentos, além de fortalecer as relações próprias do homem do campo, tal como a prática da troca entre vizinhos. “Toda esta realidade de distância e certo isolamento

fundamentou alguns princípios de união e de ajuda mútua que puderam se desenvolver entre os colonizadores” (PIOVESAN, 2002, p. 5). Além de que a prática agrícola estava toda voltada para a produção de alimentos para a subsistência e o dinheiro era escasso.

Ainda para realçar o fato destes camponeses não terem preocupação com comércio ou lucro entendemos ser importante também destacar o fato de, com tantas terras sem donos, a grande maioria dos pioneiros terem requerido apenas pequenas quantias de terras, fato esse que caracterizou a região de Frederico Westphalen como uma região de pequenas propriedades. “Apesar de as famílias poderem, segundo os pioneiros, requererem quanta terra quisessem, ninguém se interessou em ter mais que uma colônia de terra, pois segundo eles, era o suficiente para viverem bem” (PELLEGRIN, 2008, p. 28). Esse fator mostra-nos que os migrantes que aqui se fixaram não possuíam preocupação com grandes riquezas ou em se tornar grandes proprietários, no fundo o que eles realmente desejavam era um lugar para viver.

Até a década de 1950 o capitalismo não tinha influência na vida dos colonizadores que também faziam da prática da troca uma forma de manter laços de amizade com os vizinhos que moravam em distâncias não tão próximas, pois estas pessoas sentiam necessidade de comunicação entre si, isso acarretou em laços de solidariedades muito fortes, laços esses que também podemos classificar como próprios da cultura camponesa (PIOVESAN, 2002).

Também nos chama atenção a pecuária, em especial a criação de suínos que no princípio da colonização era praticada de forma mais rudimentar e natural do que aquela que passou a ser praticada depois da “revolução verde”.

Ao tratarmos da agricultura tradicional, é preciso realizar uma análise sobre a pecuária que igualmente passou por um processo de transição de suas características originais. Durante o período em que a agricultura desenvolvia-se de forma mais tradicional, baseada na necessidade de subsistência das famílias, a pecuária também era trabalhada de maneira mais rudimentar, buscando o suprimento das necessidades alimentares. No caso da criação de suínos, durante o seu desenvolvimento mais tradicional, acontecia de forma muito natural, não necessitando de agentes externos durante a sua realização, como exemplo, o uso de ração concentrada (PIOVESAN, 2002, p. 6).

No princípio da colonização, e auge da cultura camponesa na região do Médio Alto Uruguai, não apenas os porcos, mas também os demais animais eram criados soltos e alimentados com produtos naturais. Quando um homem do campo “carneava” um desses animais ele dividia a carne com os demais vizinhos e assim quando um vizinho “carneasse” um de seus animais também fazia o mesmo. Essa prática, muito comum entre os homens do campo, pode ser explicada pela falta de um sistema de resfriamento que pudesse conservar a

carne, porém acreditamos que esta, embora válida, seja uma explicação muito simplista e queremos dar um enfoque maior ao fato de que essa prática denota confiança entre os membros da comunidade, simbolizando para nós que a confiança e a solidariedade são sentimentos ou estados de espírito muito fortes e com presença muito marcante na cultura camponesa da nossa região.

No ano de 1951, visando substituir os meios “primitivos” por técnicas agrícolas modernas com o objetivo de ajudar os agricultores a melhorar a sua produção e conseqüentemente o seu lucro com a comercialização, é criada a UNAC (União dos Agricultores e Criadores), a qual teve como sócio fundador a figura do monsenhor Vitor Battistella. Tido como um grande incentivador dos agricultores, Battistella é conhecido na região por ter sido um homem com visão à frente do seu tempo, grande incentivador da modernidade, instruía e aliciava os agricultores a usarem as novas técnicas agrícolas difundidas pelo capitalismo, segundo ele e outros “conhecedores da modernidade” (como eram chamados), se os agricultores da região não fizessem uso das técnicas modernas jamais obteriam um crescimento financeiro, pois considerava as técnicas camponesas, ali existentes, rudes e ultrapassadas, caracterizando assim a agricultura de subsistência praticada como algo estagnado e sem perspectivas para o futuro (PIOVESAN, 2002).

[...] lamentavelmente ainda resta muito a fazer. Há não poucos colonos descuidados, amantes de trabalhar pouco e duros de se decidir a adotar novos sistemas para o seu modo de tratar os interesses da produção agrária e animal. Mas, água mole em pedra dura tanto dá até que fura. Assim foi também nos Estados Unidos, na Alemanha e noutros países adiantados. Conseguiram, porém, superar tais dificuldades e triunfar espetacularmente. [...] Triunfaremos nós também, não há dúvida! (BATTISTELLA, 1969, p. 160).

Percebe-se que houve pressão muito grande para que os agricultores de Frederico Westphalen cedessem às novas tecnologias da agricultura moderna e deixassem de lado, não apenas às técnicas consideradas obsoletas pela nova conjuntura que se formava, mas também toda a sua cultura, pois ao aceitar que empresas industriais lhes digam como devem produzir, eles estão deixando de lado todo o legado da vida camponesa, das relações com a natureza, dos conhecimentos agrícolas que não prejudicam o planeta.

Outro fator perceptível nessa situação é a admiração que os líderes comunitários possuem por países ou regiões onde a agricultura já havia se “modernizado”, para eles estas regiões deviam servir de exemplo ou nas palavras de Piovesan (2002, p. 9). “[...]estes países haviam chegado à glória do capitalismo e do lucro, tornando-se assim, exemplos para serem

seguidos pelo resto do mundo.”Podemos destacar que estas pessoas estavam completamente deslumbradas pelos avanços tecnológicos referentes à agricultura, mas será que nem sequer cogitavam a possibilidade de suspeitar de todos esses avanços? Cegos pelas promessas de prosperidades os líderes da sociedade não perceberam ou não quiseram perceber que estavam servindo de fantoches para as multinacionais e para a nova política agrícola do país e do mundo que irão se fortalecer no Brasil, principalmente a partir dos anos de 1970 com a chamada “Revolução Verde”.

A partir dos anos de 1970 a “Revolução Verde” passou a transformar o modelo agrário brasileiro com a finalidade de aumentar os lucros através de um processo de modernização das técnicas agrícolas e conseqüentemente um maior aumento da produtividade, gerando assim progresso e renda para o país e para os agricultores. Porém essas medidas apenas foram boas para os grandes latifundiários que tiveram condições de pagar por todas essas “modernidades”, os pequenos agricultores (unanimidade na região de Frederico Westphalen) apenas se viram cada vez mais dependentes e endividados com as novas técnicas pois, no lugar dos lucros prometidos, apareceram apenas uma grande dependência de insumos, secantes, adubos químicos e inúmeros outros produtos artificiais que são lançados indiscriminadamente na natureza em nome de uma maior produção.

A criação de suínos teve um princípio de modernização a partir dos anos 1960, quando passam a surgir na região armações, geralmente de madeira, onde os porcos eram confinados e separados, essas estruturas mais tarde foram substituídas pelos grandes “chiqueirões” de concreto, nos quais os animais ficam confinados, podendo receber ração de forma controlada, de acordo com a idade e a função que exercem, dando ao produtor melhor controle com relação à engorda, permitindo que se agilize e se permita uma maior produção de carne. Também há a substituição das raças de porcos por raças importadas que supostamente irão ter mais carne e menos gordura podendo ser abatidos em menos tempo, porém essas novas raças vinham acompanhadas de vários cuidados especiais como o uso de ração concentrada e a exigência de que fossem criados confinados e recebessem inúmeras vacinas. Esse processo acontece basicamente devido á pressão exercida sobre os produtores, pois se passa a ideia de que eles estão atrasados e que precisam se modernizar, que eles devem produzir apenas com o intuito de comercializar e obter lucro.

Fato que merece destaque e pode ser considerado até mesmo um marco para o início da agricultura moderna na região foi a realização do Congresso de Ação Social Rural, que vinha sendo realizado com apoio da igreja católica em varias regiões do estado e teve em

Frederico Westphalen grande colaboração do monsenhor Vitor Battistella que foi junto da UNAC um dos principais organizadores.

Sucedeu providencialmente que a Diocese de Santa Maria, no propósito de expandir as atividades da Ação Católica, à qual, então, se dava grande ênfase, resolveu organizar um congresso de ação rural, em ponto geográfico chave. Foi lembrado Frederico Westphalen pelo fato de aqui já existir a UNAC que, com sua intensa atividade, já criara nome e se tornara conhecida (BATTISTELLA, 1969, p. 158).

Este congresso se deu através de palestras que por cinco dias foram realizadas em todas as comunidades rurais do município com o intuito de instruir os agricultores nas “técnicas modernas”, foi considerado por muitos como uma luz que veio para alavancar de vez o progresso regional.

A partir destas investidas foi que a agricultura camponesa em Frederico Westphalen passou a ser substituída aos poucos pela agricultura comercial, a produção de alimentos que na primeira era em primeiro momento para a subsistência e depois para o comércio local, na segunda tem por finalidade principal o comércio, deixando a produção de alimentos, cada vez mais, em segundo plano.

O passo seguinte foi a criação do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen (CAFW) no ano de 1957, porém este só passou a funcionar oficialmente no ano de 1966, uma iniciativa de líderes locais com o apoio do Reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na época, Dr Mariano da Rocha Filho e do então Deputado Federal Tarso Dutra. O CAFW passou a funcionar como uma extensão do ensino médio da UFSM com o objetivo de dar educação técnica aos filhos dos agricultores na área de agropecuária, pecuária, agricultura e agroindústria.

Surgiu como um fundamental instrumento para aqueles que desejavam ver o fim do sistema agrícola antigo e o surgimento das técnicas modernas na referida região. Piovesan (2002) chama a atenção para o fato de que o CAFW surgiu exatamente na fase em que o capitalismo iniciava a sua inserção na agricultura brasileira, mais uma vez deixando evidente que todo esse processo ocorreu de cima para baixo, não sendo uma escolha dos agricultores, mas sim das multinacionais com o apoio do governo que nessa época estava nas mãos dos militares que se mantinham no poder através de trocas de favores e financiamentos oriundos do capital estrangeiro. Assim o Brasil passou a manter políticas agrícolas que favoreceram o interesse das grandes empresas do ramo agrícola.

As multinacionais que atuavam e ainda atuam no ramo de produtos agrícolas, desenvolvendo a sua “modernização” são indústrias que produzem produtos químicos durante a

Segunda Guerra Mundial e ao término da mesma já não tinham mais o que fazer com os estoques dos seus produtos. Como saída para essa situação canalizaram os mesmos para a agricultura que era um dos ramos da sociedade que menos produzia lucro para o mundo capitalista.

No ano de 1965 foi criado o Sistema Nacional de Crédito Rural que visava “ajudar os agricultores a modernizarem sua produção”, porém esse crédito só beneficiou médios e grandes proprietários, aumentando cada vez mais as diferenças sociais no campo em todo o Brasil e excluindo os pequenos proprietários, uma vez que estes não possuem renda suficiente para bancar todos os custos de produção nem para gerar lucro ao sistema, tornando-se assim um entrave para o capitalismo.

Podemos dizer que o processo de modernização agrícola de Frederico Westphalen não está isolado do que ocorreu em todo o Brasil e em outros países ditos subdesenvolvidos, pois transformar o homem do campo em um capitalista foi justamente a intenção de toda essa trama de acontecimentos. Também vale destacar que como parte do sistema capitalista os agricultores são impelidos a competir entre si e estão sujeitos à falência, que nada mais é do que o tão conhecido êxodo rural, onde as pessoas, não podendo mais custear a produção e a vida na roça, vendem suas terras e migram para as cidades em busca de uma vida melhor, porém ao chegar nas cidades não a encontram, pois ali também encontram o mesmo sistema que os expulsou do campo, com toda a sua frieza e o seu individualismo.

METODOLOGIA

Entre Janeiro e Julho de 2009 foi realizada a primeira etapa de pesquisa a campo, onde buscamos identificar traços da cultura camponesa que resistiram aos avanços do capitalismo no campo, manifestado a partir da segunda metade do século XX. Nessa parte da pesquisa procuramos ouvir diretamente pessoas que vivem no espaço agrário. Foram entrevistados pessoas de 27 famílias de 7 comunidades do interior do município, que não foram totalmente aculturadas.

Essas pessoas foram identificadas com ajuda que obtivemos junto à Secretaria Municipal de Saúde, em especial com o Programa de Agentes Comunitárias de Saúde (PACS), e num segundo momento com a Secretaria da Educação, ambas as secretarias nos permitiram o uso de seus meios de transporte.

RESULTADOS

Mesmo tendo passado a utilizar os meios tecnológicos que regem a atividade agrícola moderna, muitos homens e mulheres que vivem no espaço agrário de Frederico Westphalen mantêm vivas inúmeras práticas típicas da atividade camponesa, que permeiam os hábitos alimentares. Percebemos manifestações da cultura camponesa através de três formas:

- Sendo reproduzida normalmente no cotidiano das populações camponesas locais;

Ex. O modo como muitas famílias fazem o pão, através do fermento de batatinha e assado em fornos de barro. Esse alimento surge como o exponencial da cultura alimentar dos camponeses, pois além de ser frequentemente citado, também a sua forma de produção ganha características próprias de sociedades camponesas. Na maioria dos casos, é feito com a utilização de fermento proveniente da fermentação da batatinha e é assado em fornos de barro, exigindo todo um saber para seu fabrico, que vem passando de pais para filhos, desde muitas gerações, pois o modo utilizado para a conquista do pão requer muito tempo, conhecimento e cuidado. O fermento começa a ser preparado num dia, à tarde, e termina-se de assar os pães na tarde do outro dia. Também não podemos deixar de citar os laços de solidariedade e amizade que são reforçados pelo uso do fermento de batatinha já que sua manipulação depende de uma “semente” que deve ser solicitada de um vizinho.

- Em coexistência com traços da cultura capitalista;

Ex. A criação de animais “crioulos” juntamente de animais de “raça” para a alimentação e venda.

A pesquisa detectou que existe uma preferência pelas espécies crioulas no momento de escolher os animais para a alimentação, por exemplo, quando falamos de galinha, muitos deles criam galinhas brancas, a partir de pintos provenientes de agropecuárias, mas todas as famílias com quem conversamos alegaram também criar e inclusive preferir galinhas caipiras. Outro fator que nos chamou a atenção está vinculado à criação de porcos. A maioria deles disseram preferir o porco preto (ou porco crioulo), pois, segundo eles, além da carne ser mais saborosa, existe a possibilidade de se obter a banha para o uso doméstico. Inclusive, persiste entre os entrevistados uma grande preferência pelo uso da banha de porco, produzida, artesanalmente, por eles mesmos.

- Vivos apenas na memória dos agricultores de maior experiência camponesa;

Ex. A conservação de carnes na gordura retirada do próprio animal. Eles fritavam os pedaços da carne na banha do próprio animal e depois os guardavam em latas. Como a banha se solidificava após esfriar, formando uma proteção natural, conservava a carne por inúmeros

dias. Muitos afirmaram que conservada dessa forma era muito mais saborosa do que conservada no congelador, assim sendo essa carne era consumida aos poucos, de acordo com as necessidades da família.

CONCLUSÃO

O fato dessas práticas ainda estarem sendo reproduzidas por aqueles que, pelas lógicas capitalistas, já deveriam estar inseridos no novo modelo proposto nos remete a acreditar que essas manifestações culturais estão ainda presentes na vida da sociedade agrária local como uma espécie de resistência, e por que não dizer, por uma recusa ao estilo de vida capitalística.

CULTURAL EXPRESSIONS IN FREDERICO WESTPHALEN (RS) AGRARIAN SPACE RELATED TO RURAL KNOWLEDGE ABOUT HUMAN NUTRITION

ABSTRACT: This research aimed to understand the culture of peasant agrarian space Frederico Westphalen (RS) and to identify and analyze these traits in the art of food, which resisted to the advances of capitalistic principles. The peasant culture is different from the capitalist one, so that the peasant perceives and feels the ground because it is the place from which he/she takes sustenance, and also a place where peasants identify with and live in. In contact with nature, they apply their knowledge and techniques, from observing the cosmos in a rational and emotional interaction with the elements that constitute nature, while the capitalistic culture aims to profit, turning nature into a commodity, especially in place to explore and accumulate capital. We understand that food constitutes one of the most intrinsic features present in the culture of peasant communities, because the knowledge relating to it is passed from generation to generation through interpersonal relationships, and creativity gained through the activities undertaken to care for the earth, raise animals and manufacture food. We also understand that this is one of the most remarkable cultural factors to be built and rebuilt daily. Insofar as the farmers have modernized and began to participate in market relations, this would, hopefully, also change the way they feed, according to the new model, adapting the new order. The research allowed to realize that there wasn't a total acculturation, because we found out that there are "criollo" food preferences in daily consumption. The refusal to industrial products and the permanence of techniques that have little or nothing to do with modern agriculture, show that cultural traits, especially those concerning food, were not so easily erased from memory. In peasant food culture, some of these traits were always present; others that had been set aside for a while, but began to rise again, rejecting pressure adopted by market fundamentals. In many cases, brands were identified only in the living cultural memory, particularly among peasant farmers with greater experience, who recall that historical context expressing feelings of nostalgia and joy, not only in reference to food, but also to human relations based on principles of friendship and solidarity. These initial findings enabled us to learn about the lives of men who inhabit the agrarian area of Frederico Westphalen, RS. With respect to food, we realized that these people want a healthy and self-sustaining nutrition. We assess that research proves crucial for learning, and leads us to

reflections concerning the territorial reality, contributing to project policy proposals aimed at a better development planning, with ecological economic, social, political and cultural sustainability.

Keywords: Culture. Peasant. Food.

REFERÊNCIAS

BATTISTELLA, V. **Painéis do passado:** a história de Frederico Westphalen em sessenta quadros de literatura amena. Frederico Westphalen: Gráfica Marin LTDA, 1969.

BOMBARDI, L. M. O papel da geografia agrária no debate teórico sobre os conceitos de campesinato e agricultura familiar. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 14, p. 107-117, 2003.

CANELLAS, M. **Onde foi parar o tempo?** Sobre o tempo que ganhamos. Disponível em: <http://clube.atrativa.com.br/dd-16,n-2,player-bleka,sub-2,id-102360,b_action-show.html>. Acesso em: 29 out. 2008.

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** Florianópolis: UFSC, 1999.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Orgs). **Matrizes da geografia cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 35 - 86.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a escola de Berkeley. Uma apreciação. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Matrizes da geografia cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 9-33.

COSGROVE, Denis, A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92-123.

GALEANO, E. **O império do consumo.** Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/index.php/2007/01/24/o-imperio-do-consumo-por-por-eduardo-galeano/>>. Acesso em: 24 set. 2008.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. de. **Sobre a evolução do conceito de campesinato.** Brasília: Expressão Popular, 2005.

LUTZENBERGER, J. A. O absurdo da agricultura. **Revista de Estudos Avançados**. São Paulo, v. 15, n. 43, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 set. 2008.

MAZZONETTO, E. **As transformações ocorridas na agricultura familiar no distrito de Castelinho e na linha São João do Porto frederico Westphalen a partir da revolução verde**. 2003. 41 f. Monografia (Pós-Graduação em Geografia)-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen, 2003.

MELLO, J. B. F. de. Descortinando e (re) pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, L. R. (Orgs). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 87 – 101.

PELLEGRIN, Maristela de. **A cultura do alimento e a espiritualidade reativando a memória da população da comunidade da Linha São Paulo-Frederico Westphalen, RS: uma história construída para ser contada**. 2008. Monografia (Pós-Graduação em História)-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen, 2008.

PIOVESAN, Andréia Janice. **Diferentes manifestações constituintes da realidade do espaço rural de Frederico Westphalen-RS**. 2002. Monografia (Graduação em Geografia)-Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Frederico Westphalen, 2002.

RAMBO, J. P. B. **A fisionomia do Alto Uruguai**. Separata do relatório do Ginásio Anchieta, 1935.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12-74.